

PLURIVIOLENCIAS EM *NEGRETta. BACI RAZZISTI*, DE MARILENA DELLI UMUHOZA

Plurivioleuze in *Negretta. Baci razzisti*,
di Marilena Delli Umuloza

Pluriviolences in *Negretta. Baci Razzisti*,
by Marilena Delli Umuloza

TATIANA FANTINATTI *

RESUMO: Nas obras literárias de escritoras italianas de origem africana evidenciam-se ao menos dois escopos: denunciar o racismo em todas as suas nuances e mostrar que o contato com culturas imigrantes enriquece as sociedades italianas. Neste trabalho abordo ambos, especialmente o primeiro. Através de personagens com características e vivências de suas próprias autoras ou de imigrantes das diásporas africanas na Itália, revelam-se diversos tipos de racismo, que convocam a investigação em vários campos de estudo. Essa pluriviolência vindo à tona, enfada e desacomoda parte da sociedade que “ignora” o passado colonial italiano e o lastro que dele advém, pois aponta a escassez tanto de políticas públicas para minorias quanto de representatividades étnico-raciais. As relações entre as personagens da obra de ficção narrativa *Negretta. Baci razzisti* (2020), de Marilena Delli Umuloza, escritora italiana de origem ruandesa, sinalizam como o colonialismo praticado por vários países deslegitimou as identidades dos corpos negros (RIBEIRO, 2019), seja nos vínculos entre personagens brancas e negras seja entre personagens negras entre si. *Negretta* traz o ponto de vista de uma personagem negra que enfrenta a violência racial em vários níveis institucionais na sociedade bergamasca, discriminatória e preconceituosa, nos anos 1990.

*Professora associada I de Literatura Italiana na UFBA
tatianafantinatti@gmail.com



Desvelando nanorracismos (MBEMBE, 2016) “distráidos” e “inconscientes”, os quais perpetuam um humor generalizado sobre estereótipos absorvidos na normalidade ardilosa que mantém definida a separação racial, as personagens de Marilena Umuhoza revelam os danos morais padecidos por causa do racismo institucional e do racismo recreativo (MOREIRA, 2019), gerando impactos em suas próprias realidades e na de seus descendentes.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Decolonialidade; Relações étnico-raciais italianas.

ABSTRACT: Nelle opere letterarie di scrittrici italiane di origine africana si evidenziano almeno due scopi: denunciare il razzismo in tutte le sfumature e dimostrare che il contatto con culture immigrate arricchisce le società italiane. In questo lavoro mi occuperò dei due, particolarmente del primo. Attraverso personaggi con caratteristiche e vivenze delle loro stesse autrici oppure di immigrati della diaspora africana in Italia, si rivelano diversi tipi di razzismo, i quali convocano ricerche in vari campi di studio. Quella pluriviolenza, venuta a galla, disturba parte della società italiana che continua a “ignorare” il passato coloniale italiano e i risultati che ne derivano, visto che attira l’attenzione sulla mancanza di politiche pubbliche per le minoranze e di rappresentatività etnico razziali. I rapporti tra i personaggi dell’opera di finzione narrativa *Negretta. Baci razzisti* (2020), di Marilena Delli Umuhoza, scrittrice italiana di origine ruandese, segnalano come il colonialismo praticato da vari paesi ha delegittimato le identità dei corpi neri (RIBEIRO, 2019), sia fra personaggi bianchi e neri, sia tra personaggi neri. *Negretta* prende il punto di vista di un personaggio nero che affronta la violenza razziale in diversi livelli istituzionali nella società bergamasca, discriminatoria e prevenuta, negli anni 1990. Svelando i nano razzismi (MBEMBE, 2016) “distratti” e “incosapevoli”, che perpetuano un umore generalizzato sugli stereotipi assorti nella normalità astuta, che mantiene definita la separazione razziale, i personaggi di Delli rivelano i danni morali subiti a causa del razzismo istituzionale e del razzismo ricreativo (MOREIRA, 2019) generando impatti nelle loro realtà e in quella dei loro discendenti.

PAROLE CHIAVE: Razzismo; Decolonialità; Relazioni etnico razziali italiane.

ABSTRACT: In the literary works of Italian writers of African origin, at least two scopes are evident: to denounce racism in all its nuances and to show that contact with immigrant cultures enriches Italian societies. In this work, I approach both, especially the first. Different types of racism are revealed through characters with

characteristics and experiences of their authors or immigrants from the African diaspora in Italy, a fact that deserves investigation in various fields of study. When this “pluriviolence” comes to the fore, it annoys and upsets part of the society that “ignores” the Italian colonial past and the ballast that comes from it, as it points to the scarcity of both public policies for minorities and ethnic-racial representations. The relationships between the characters of the narrative fiction work *Negretta. Baci razzisti* (2020), by Marilena Delli Umhoza, an Italian writer of Rwandan origin, indicates how colonialism practiced by several countries has delegitimized the identities of black bodies (RIBEIRO, 2019), whether in the bonds between white and black characters or between black characters themselves. *Negretta* brings the point of view of a black character who faces racial violence at various institutional levels in the discriminatory and prejudiced Bergamasca society in the 1990s. By presenting “distracted” and “unconscious” nano racisms (MBEMBE, 2016) that perpetuate a generalized humor about stereotypes absorbed in the cunning normality that keeps racial separation defined, Marilena Umhoza’s characters reveal the moral damage that they suffered because of institutional and recreational racism (MOREIRA, 2019), which impacts on their realities and those of their descendants.

KEYWORDS: Racism; Decoloniality; Italian ethnic-racial Relations.

1. Introdução

Pode a subalternizada falar? Este trabalho aborda as pluriviolências em que se encontram submersas personagens do romance *Negretta. Baci razzisti* (2020), de Marilena Delli Umuhoza. Na obra comparecem duas personagens negras subalternizadas que se percebem deslocadas e sem voz porque não logram se fazer ouvir nem se representar entre as outras personagens brancas que as cercam. A escritora italiana transforma em ficção fatos da própria vida, como mulher negra nascida na Itália, filha de pai italiano e de mãe ruandesa. Culminando com a recepção do livro, temos a conclusão de que as personagens conseguem se fazer ouvir sim, nesse outro âmbito, o de leitoras e leitores. Trata-se, portanto, de uma produção literária de denúncia.

Marilena Delli nasceu em Bérgamo, Norte da Itália, em 1981. Cresceu em meio a uma sociedade branca e segregacionista. É escritora, cineasta, fotógrafa, ativista e produtora musical. Apresenta o programa *Eccellenze Afrodiscendenti* na Radio Radicale, para difundir ao mundo notícias sobre as personalidades afrodescendentes de maior proeminência em suas áreas, aumentando assim a visibilidade dos indivíduos negros e a sua representatividade. Tal ação modifica os rumos das futuras gerações multiétnicas na Itália e amplia a percepção que elas terão de si mesmas. A autora combate o racismo em seus livros e suas conferências pelo mundo, trazendo o debate a respeito das necessárias e urgentes alterações que precisam ser operadas nas atuais leis italianas de cidadania, defendendo o direito ao solo, em vez de unicamente aquele transmitido pelo sangue. Em 2016, escreve seu primeiro livro, intitulado *Razzismo all'italiana – Cronache di una spia mezzosangue*, pela editora Aracne; a obra, que é um *memoir*, conta episódios reais de sua vida. O ano de 2020 é o de *Negretta. Baci razzisti*, publicado pela Red Star Press em edição impressa, e posteriormente em eBook. O livro se baseia em sua vida real, que foi transformada em romance, tendo personagens semelhantes, mas não idênticos aos da realidade. Pela mesma editora vem à luz *Pizza Mussolini, La prima saga familiare italiana afrodiscendente*, em 2023. Neste mesmo ano, vemos mais um livro de Marilena Delli, *Lettera di una madre afrodiscendente alla scuola italiana. Per un'educazione decoloniale, antirazzista e intersezionale*; desta vez trazendo um diálogo com a escola italiana para ensinar a educação antirracista.

2. Pluriviolências

Negretta baci razzisti (2020 edição impressa e 2021 edição em eBook) enfoca o mundo hostil através do ponto de vista da protagonista, Marilena, uma menina negra nascida em Bérgamo, entre 1980 e 1990. Ela não se vê representada por personalidades ilustres; não tem bonecas negras com as quais poderia se identificar; cresce vendo sua mãe, mulher negra nascida em Ruanda, sendo ofendida e humilhada em todos os aspectos de sua dignidade. Em *Negretta* encontraremos exemplos de cada uma das referências de nanorracismo assinaladas por Achille Mbembe:

Mas o que se deve entender por nanorracismo, senão essa forma narcótica do preconceito de cor que se expressa nos gestos aparentemente inócuos do dia a dia, por causa de uma insignificância, uma afirmação aparentemente inconsciente, uma brincadeira, uma alusão ou uma insinuação, um lapso, uma piada, algo implícito e, que se diga com todas as letras, uma malícia voluntária, uma intenção maldosa, um menosprezo ou um estorvo deliberados, um obscuro desejo de estigmatizar e, acima de tudo, de agredir, de ferir e humilhar, de profanar aquele que não consideramos como sendo dos nossos? (MBEMBE, 2020, pp. 98-99)

Retomando minha pergunta do início: Pode a subalternizada falar? Esta reflexão nos é trazida primeiramente por Gayatri Spivak, em sua obra *Can the Subaltern speak?* (1985), e anos mais tarde analisada por Grada Kilomba, em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2008). A escritora lisboeta faz notar que a língua portuguesa não contém um termo neutro para “subaltern”, tendo sido o mesmo traduzido por subalterno, em uma regressão em se tratando da autora feminista que vem revolucionando o pensamento e, em decorrência disso, as palavras. Ao mesmo tempo, assim como o vocábulo escravo “descreve o estado de desumanização como a identidade natural das pessoas que foram escravizadas” (SPIVAK, 2010, p. 55) e escravizado “descreve um processo político ativo de desumanização”, refaço a pergunta de Spivak no feminino e no processo político ativo de desumanização: “subalternizada”. Para Spivak, “o desenvolvimento do subalterno é complicado pelo projeto imperialista”, daí a importância de dar voz às pessoas subalternizadas, especialmente àquelas que denunciam as mais variadas violências, como é o caso de Marilena Delli.

A importância do desejo e do poder na historiografia indiana que a pensadora expõe, afrontando provocativamente o pensamento hegemônico, se desenrola, guardadas as diferenças, igualmente em outros países e em outros inúmeros contextos históricos. Assim, de suas proposições podemos trazer o que, de modo geral, dizem respeito a qualquer opressão colonizadora, como as do caso italiano em questão. As personagens negras de *Negretta* são aviltadas e silenciadas a todo instante: Marilena, a protagonista, na escola; Chantal, sua mãe, no trabalho, quando só consegue empregos limpando latrinas, mesmo possuindo diploma universitário, tendo sido diretora de colégio religioso em Ruanda e falando três línguas; nas instituições públicas, como quando é impedida de votar, ainda que tivesse o direito adquirido no ato do casamento com Giuseppe; nos meios de transporte, quando não lhes dão lugar à senhora que arrasta uma perna e à menina que não consegue se sentar no próprio ônibus escolar; na rua, quando não lhes dão oportunidade para atravessar; em contato com homens mais velhos, quando Marilena é assediada pelo professor, pelo padre amigo da família e por homens na rua, todos eles brancos, que aproveitam a hierarquia e o privilégio que lhes são conferidos pela cor e pelo gênero.

Analisando o conjunto das atitudes direcionadas às personagens subalternizadas do nosso romance, entendemos o esgotamento delas, a ferida impotente pela restrição de oportunidades e

perspectivas para elas dentro da vida do corpo social italiano. Justamente Spivak explica o termo “subalterno” como “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. (SPIVAK, 2010, p. 12)

Para entrar na obra, primeiramente é indispensável elucidar que as literaturas pós-coloniais ou decoloniais são aquelas produzidas por pessoas que sofreram com os efeitos da colonização e por eles se veem afetadas até hoje. O livro *Negretta. Baci razzisti* foi escrito por uma autora italiana que denuncia o racismo experimentado pelas duas personagens negras, uma das quais é ruandesa, Chantal, a mãe.

Ruanda foi colônia da Alemanha e da Bélgica, e não da Itália, mas considero a obra de Marilena Delli Umhuza literatura pós-colonial em língua italiana por tratar de um argumento resultante do colonialismo europeu, o qual assentou os povos colonizados em uma condição de subalternidade, impondo cânones, ceifando identidades e desacreditando culturas. Dado que as personagens negras da obra de Delli são repelidas pelas personagens brancas devido à cor e à proveniência ruandesa de uma delas, estamos diante de uma literatura pós-colonial.

Possivelmente, se os eixos temáticos pela autora escolhidos fossem neutros ou com particularidades europeias, sua literatura seria considerada apenas contemporânea, uma característica que de fato a obra também possui. Entretanto, dado que a escritora é ativista dos direitos humanos e suas atuações profissionais, além da literária, se encontram direcionadas a combater o racismo, produto da colonização, a obra entra cabalmente na escrita pós-colonial.

Refiro-me aqui, sem dar lugar a dúvidas, ao racismo instaurado pelo poder hegemônico europeu, e não a contendas históricas entre etnias, as quais existem em muitos países. Curiosamente, em Ruanda tais conflitos, envolvendo os tutsis e os hutus, se acirraram quando da colonização europeia. Se o país, portanto, foi vítima do imperialismo europeu e até nossos dias enfrenta suas consequências, o fato de a autora (e a personagem do livro em questão) ter nascido na Itália é apenas um dado do acaso. Se ela tivesse nascido na Bélgica, país que colonizou Ruanda (lugar de nascimento da mãe de Marilena autora e personagem), não precisaríamos esclarecer sua pertinência aos estudos pós-coloniais. Paralelamente à história da personagem, a qual vive na Itália, Delli cita acontecimentos dos genocídios de Ruanda, aos quais a mãe da protagonista sobreviveu, revelando elementos históricos do romance. Outras escritoras tutsis, como a franco-ruandesa Scholastique Mukasonga¹, narram episódios de tais massacres.

Isso posto, passo a falar dos elementos mais importantes do romance: as personagens.

1 Scholastique Mukasonga, nascida na província de Guicongoro, em Ruanda, sobreviveu a perseguições e massacres desde que se iniciaram as ameaças ao povo tutsi. Seus primeiros livros falam dessas matanças, da deportação de sua família e da vida cotidiana em Ruanda.

Lodge vede nel personaggio “la componente piú importante del romanzo”, Steiner individua nella sua creazione e nella sua autonomia un processo per cui “l’irreale si vendica della realtà” e Grossman, uno dei maggiori romanzieri israeliani contemporanei, ritiene che plasmare i personaggi sia “la principale responsabilità dello scrittore”. (TESTA, 2009:04)

Em *Negretta* observaremos de que modo as histórias são engendradas pelas personagens de que me ocuparei, os Gallitelli: Marilena, a narradora; Chantal, sua mãe; Jasmine, a irmã mais nova e Giuseppe Salvatore, o pai e único branco da família, o homem que poderia ser o esteio emocional, mas que, ao contrário, é contra a imigração de africanos em seu país. O livro apresenta outra personagem branca, Latte, que se manifesta leal às pessoas negras; finalmente, um grupo de personagens brancas que chamarei de antagonistas cotidianos.

Nessa obra identifica-se uma profusão de temas concernentes à violência, como o racismo (tema principal), o machismo, a pedofilia, a imigração, a pobreza, os quais nitidamente recolhem a causa maior no racismo estrutural em que as personagens estão imersas. A família mora na periferia, como a maior parte da população imigrante que provém de países oprimidos; Giuseppe não consegue obter um bom trabalho por ser casado com uma mulher negra; Marilena, ainda adolescente, é abordada na rua por um homem que a vê como objeto sexual. Giuseppe agride a esposa e reprime a liberdade da filha. Essas e outras pluriviolências são chamadas de “opressões de raça, classe e gênero” pela filósofa brasileira Djamilá Ribeiro (2019, p. 10). Quando falamos especificamente de microagressões por preconceito racial, Achille Mbembe as chama de nanorracismos (MBEMBE), e delas veremos muitas durante a leitura.

A família vive na periferia de Bérghamo. É ali, nas áreas distantes dos subúrbios, que estabelecem moradia os grupos historicamente marginalizados; é o lugar onde desemboca “a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e o sujo, mas desejável, permitindo à branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa” (KILOMBA, 2019, p. 37) para que a cidade se mantenha “limpa”. É na periferia que se faz a contenção, a filtragem, a varredura:

O nanorracismo tornou-se o complemento necessário do racismo hidráulico, o dos micro e macrodispositivos jurídico-burocráticos e institucionais, da máquina estatal que mergulha de cabeça na fabricação de clandestinos e ilegais; que isola de maneira incessante a ralé em campos da periferia das cidades, como um amontoado de objetos desconjuntados; que multiplica em profusão os “sem papéis”; que pratica ao mesmo tempo a expulsão do território e a eletrocussão nas fronteiras, quando não se acomoda pura e simplesmente ao naufrágio em alto-mar. (MBEMBE, 2020, pp. 100-101)

Marilena é a narradora e protagonista, vítima de rechaço pela sociedade branca desde que nasceu, quando foi chamada de *negretta* pela enfermeira e depois por muitas pessoas, inclusive na escola, ou quando no cartório, os funcionários não quiseram lhe registrar o nome ruandês escolhido por sua mãe, Umuhiza, que significa consoladora, por acharem que o nome “*non avrebbe fatto altro che rivestire il bambino di ridicolo*” (DELLI, 2020, p. 10). A menina cresce considerando o pai, por ser branco, mais inteligente do que a mãe:

Quando i miei non si trovavano d'accordo su qualcosa, io davo sempre ragione a papà. Lui era quello bianco, l'italiano. E perciò, l'intelligente. La voce dell'autorità. Un ex prete da cui la gente pendeva dalle labbra, immeritatamente. (ibidem)

Marilena ouve do pai que a presença dos imigrantes negros é prejudicial, e que eles não deveriam migrar para a Itália. Aos poucos ela toma consciência do papel nefasto desempenhado pelo pai na vida dela e na de Chantal. Esta, imersa forçadamente no mundo ocidental que dita normas de beleza, procura tornar a filha o mais branca possível, exigindo-lhe que retraia os lábios para a sua protuberância não ficar evidenciada, alisando-lhe os cabelos para tentar parecer uma menina branca e esfregando-lhe a pele com sabonete branqueador. “*Visto che quello era il primo giorno nella casa nuova, per mamma dovevamo essere bellissime. Il che voleva dire lisciarsi i capelli, il che voleva dire cercare di sembrare bianche*” (p. 25). Marilena ocupa um não-lugar. A cor de sua pele não é igual nem à da mãe, nem à do pai. Na Itália é negra, e em Ruanda seria considerada branca, segundo a mãe.

O pai, um ex-padre da igreja católica que fora para o seminário a contragosto em vez de seguir a carreira esportiva, cumpre o serviço religioso na África até a mãe dele falecer, e depois disso se casa com Chantal, ruandesa, levando-a para a Itália. Paradoxalmente é seguidor da Lega Nord, partido de extrema-direita que, dentre outros ditames, encalça os princípios conservadores, xenófobos e anti-imigração. Giuseppe Salvatore agride a esposa e não respeita a liberdade da filha; ele é o jugo contrário que as duas enfrentam em casa, não bastassem os aviltamentos a que são submetidas em outros lugares. É outra personagem contraditória, que nos desperta inquietações. Por que teria se casado com uma mulher negra?

Chantal, a força da família Galitelli, é uma personagem complexa e contraditória. Ela representa a subalternidade e simultaneamente a resistência. Presa do imaginário branco eurocêntrico, opera um “branqueamento” nela e em Marilena; também apoia, ou finge apoiar, Giuseppe em suas demonstrações contra os imigrantes, o que é incoerente. Contudo, a mulher sabe da equivocação do marido e encontra meios de se manifestar: por algum motivo inexplicável aparecerá uma agulha na polenta dele, e por duas vezes. Ninguém soube quem o fez, mas Giuseppe não mais a agrediu. Chantal se digladiava em uma sociedade que se jacta de possuir uma constituição justa e equitativa e que dá os mesmos direitos a todos os cidadãos, mas na verdade ela precisa adotar uma conduta belicosa para sobreviver, processar para poder votar, se perguntando se ela

também não era uma cidadã. Sua postura se alinha com o discurso de Sojourner Truth, “E eu não sou uma mulher?”. Chantal se coloca dos dois lados pela hostilidade a que é submetida, mas sabe que seu maior objetivo é o de se ver como uma pessoa respeitada, sendo ruandesa e negra. Ou, como diz Stella Jean no vigoroso posfácio, “*imparare che per uscirne viva a un certo punto devi abbracciarne la forza repulsiva fino al momento in cui la stessa ti lascerà andare*” (DELLI, p. 188).

A imigração é um dos temas atrelados ao racismo nessa obra, cujas primeiras palavras são dedicadas à reflexão sobre os imigrantes que aportam em terras italianas aglomerados em barcos e que ou morrem na travessia ou são maltratados pelas pessoas locais, os antagonistas da nossa obra e da vida real. A posição crítica da narradora se manifesta desde o início do romance, argumentando que tais imigrantes deveriam conquistar o direito à cidadania depois de um percurso tão arriscado:

Quando testimonio le dure prove che i molti immigrati affrontano per raggiungere le nostre spiagge, sospesi tra la vita e la morte, credo fortemente che invece di ricevere una punizione dovrebbe essere garantita loro la cittadinanza. Non sono criminali, ma individui così attaccati al nostro paese da aver rischiato la vita per la benché minima possibilità di viverci. (DELLI, p. 10)

O tema da imigração está presente em outras produções afrodescendentes, como nas obras de Igiaba Scego, a escritora negra italiana mais traduzida e celebrada na atualidade, que abriu caminhos para outras autoras. Suas ponderações a respeito dos padecimentos decorrentes das imigrações forçadas ladeiam as duas autoras também nessa denúncia.

Disseminam-se, por todo o livro, incidentes daquilo que Adilson Moreira chama de “racismo recreativo”. O pensador brasileiro discorre primeiramente sobre o que é o humor, como ele é produzido em nossa psique, elucida algumas teorias, para, finalmente, chegar ao humor racista. Assim como o racismo, o humor é uma construção cultural, o que explica por que não conseguimos rir de algumas situações cujas comparações não somos capazes de distinguir, por não fazerem parte de nossos conhecimentos culturais. O humor é gerado pela satisfação psíquica que experimentamos diante de uma circunstância. Essa, normalmente, se desvia de uma doxa estabelecida e por isso, destacando-se, produz a comicidade. Pode acontecer por incongruência de contextos ou como forma de superar censuras prescritas. Pode, ainda, ser a expressão de satisfação ao se ver, o indivíduo, livre daquilo que não é desejado, ou seja, o perceber-se isento de características do objeto ou da pessoa que desperta o humor. Neste último caso, é necessário que haja dois grupos ao menos: aquele que ocupa o lugar cômodo e certo para seu julgamento, e o outro, que se destacará por alguma causa, um diferencial julgado negativo, fora do cânone. O primeiro grupo terá como se comprazer com seus iguais ao deparar com objeto ou indivíduo do segundo grupo e se fortalecerá em assegurar-se da distância entre eles. Dessa forma se produz

o racismo recreativo: uma diferenciação que um determinado grupo tem em relação a outro, sendo um deles composto de pessoas negras e o outro, de pessoas brancas, as quais se percebem, erroneamente, como se fossem superiores. A certeza de ocupar o lugar incutido culturalmente como correto ativa mentalmente, sem produção de culpa, o riso pelo outro, o negro, que está visivelmente no lugar “irregular”, fora dos moldes instaurados pelo branco. A fala com humor racista viola o princípio de educação e de moral, mas aparentemente perde o peso sendo proferida com teor cômico. O humor racista, contudo, humilha e desrespeita, esfacelando as dignidades, expectativas naturais que todas as pessoas têm de serem avalizadas.

Em *Negretta*, vemos Chantal sendo alvo de reiteradas ações de humor racista. Ao ser recebida pela família do marido, vê-se obrigada a responder perguntas desabonadoras:

‘Ma in testa, hai su una parrucca?’.
La tavolata scoppiò in una risata.
Anche Chantal sorrise divertita, tirandosi i ricciolini per mostrare a Ceca che no, la parrucca non ce l’aveva. (DELLI, p. 20)

A hostilidade pode ter vários níveis de tensão. Adilson Moreira salienta que quanto menos afeto houver pela pessoa alvo, maior o grau de hostilidade nas invectivas. Chantal fora comparada a um corvo, pelo tom de sua pele. A ave é, principalmente no imaginário europeu, símbolo de mau agouro. As crianças do ônibus escolar não davam o assento a Marilena desferindo frases de repulsa e chamando-a de gambá, animal que sabidamente exala um odor desagradável. Quando ela encontra lugar ao lado de uma menina também rechaçada pelos estudantes, vemos a seguinte cena:

«Guardate che bel circo quelle due!», gridò: «La negretta, che l’è più nigra del caffè, e la malata di AIDS, che l’è più bianca del latte. CAFFELLATTE».

Di colpo, tutti i bambini si girarono verso di noi. Non soddisfatto,
Pastasciutta gridò:

«CA-FFE-LLA-TTE! CA-FFE-LLA-TTE!». Finché tutti si unirono al coro: «CAFFE-LLA-TTE! CA-FFE-LLA-TTE!». Vittorioso, Pastasciutta riprese di nuovo il volante con tutte e due le mani, ma calcò sul pedale dei freni a singhiozzo, per stare a ritmo con la sua orchestra razzista. (DELLI, p. 28)

Além dos episódios recreativos de preconceito, vemos as três personagens da família passando por momentos diários de racismo institucional. Chantal no trabalho, na rua e nas instituições públicas; Giuseppe tanto nos empregos que ele conquista quanto entre os seus próprios parentes,

por ter se casado com uma mulher negra; Marilena em todos os lugares que frequenta, inclusive muito provavelmente a casa de Latte, a amiga branca, cuja mãe cobre os sofás com uma proteção plástica, onde Marilena não pode se sentar. Mas isso não é deixado explícito. Latte é aliada de Marilena e por isso a única que tem valor para Chantal dentre as outras personagens brancas, antagonistas diárias.

O racismo institucional pode assumir quatro formas. Ele pode ocorrer quando pessoas não têm acesso aos serviços de uma instituição, quando os serviços são oferecidos de forma discriminatória, quando as pessoas não conseguem ter acesso a postos de trabalho na instituição ou quando as chances de ascensão profissional dentro dela são diminuídas por causa da raça. (MOREIRA, 2019, p. 35)

A abundância de ultrajes e provocações deteriora a saúde mental das personagens, que não têm momentos de tranquilidade nem quando programa ir à praia com as amigas. O jovem que se aproxima das moças na praia se oferece para passar creme de proteção solar nelas.

“*Vabbè che tu non ne hai bisogno*”, *ridacchiò, puntando il dito sul mio incarnato*”.

Delinemos a relação entre personagens brancas e negras na obra. Aquela, contudo, que acontece entre as personagens negras entre si é a da cumplicidade, mas também a do apagamento de fenótipos e costumes pela falta de representatividade, pela desintegração de referências devido à deslegitimação e à depreciação da pessoa negra. Chantal não quer que a filha se envolva com homens negros. Pretende salvá-la de uma continuidade. O futuro companheiro branco poderia ser o elo, as fundações seguras para um prosseguimento da vida com mais dignidade.

É um livro com tramas que têm continuação em nossas mentes, dando ensejo a que nós, leitoras/es, imaginemos a progressão da personagem Marilena, de quem sabemos somente fatos da infância até o início da juventude; também presumiremos a da pequena Jasmine, uma bebê que chega quando a família não tem recursos, em um momento da trama que incita estrategicamente a pensar na continuidade, tal como em obras neorealistas. Nelas, as crianças simbolizam a esperança, a transição para um porvir melhor. Jasmine pode personificar a perspectiva de continuar descolonizando o pensamento e rompendo com as narrativas dominantes. Poderíamos concluir, com Grada Kilomba, que “Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento”.

2. Respeito e Interculturalidade

O segundo escopo deste trabalho é abordar o contato intercultural das personagens do livro, notadamente em conflito devido às diferenças entre elas. Raimon Panikkar, em seu livro *Pace*

e interculturalità (2002), fundamenta pormenorizadamente o porquê de a interculturalidade ser tão importante para a harmonia entre os povos:

La pace dell'umanità dipende dalla pace tra le culture. L'interculturalità quindi si pone come strumento irrinunciabile della pace mettendo in discussione i miti fondanti le diverse culture per realizzare il felice matrimonio tra conoscenza e amore. Un percorso sintetico per dialogare senza mettere tra parentesi la fiducia reciproca e senza cadere nel relativismo culturale. (p. 2)

O encontro de duas culturas proporciona enriquecimento para ambas, além do crescimento moral diante da diferença. Em *Negretta*, é incontestável que a personagem Chantal, proveniente de outro país, representa a componente que pode partilhar elementos de sua cultura. Latte, a única pessoa branca que ganha o reconhecimento de Chantal, se interessa pelos adornos da casa, pelos biscoitos ruandeses e pela música ouvida por Chantal em casa. Mas interculturalidade pressupõe respeito e compreensão do outro, e a maioria das outras personagens não têm estima pela cultura de Chantal. Ainda com Panikkar, “*Il rispetto della dignità umana esige il rispetto culturale, inscindibile da una mutua conoscenza – senza la quale cadremo nella tentazione di volere imporre la nostra cultura come modello della convivenza umana*” (p. 16). Temos então que a compreensão e o respeito pela cultura do outro são inerentes ao respeito pelas diferenças, incluindo opiniões e dogmas. Desse modo é possível a convivência democrática das culturas, sem a imposição de uma sobre outras. Panikkar também diz que a fluidez da cultura, ou seja, a sua prática, gera a intercultura. Sem a liberdade de expressão os imigrantes não contam com tal fluidez.

Já as pessoas da escola tiveram a ocasião dessa troca cultural. Contudo, na festa em que cada estudante levou um prato, a única bandeja intocada foi a dos biscoitos de Chantal levados pela filha. A professora, omissa, revela seu preconceito na sua invisibilidade nesse episódio:

L'unico vassoio straniero era il mio: un monte Karisimbi di biscotti, cinque volte più grande degli altri piatti. E ancora fumante, come il vulcano rwandese. Mamma si era alzata alle quattro del mattino perché tutto arrivasse caldo e croccante. «Vedrai. I nostri biscotti speciali conquisteranno anche il bambino più ostile. Te lo prometto». Quando alla fine della giornata squillò la campanella, i miei compagni ritirarono i loro vassoi completamente vuoti. E io ritirai la mia montagna, intoccata. Caricai i miei speciali non più speciali biscottini sul pulmino e non osai provare a offrirne nessuno agli altri bimbi. La risposta la sapevo già. Infatti, arrivò senza nemmeno pronunciare parola: «Negretta!». (DELLI, p. 11)

O contrário é observado, ou seja, a incorporação de hábitos, alimentos, vestimentas, penteados ocidentais, por parte de Chantal, que abandona seus turbantes e túnicas de cores vibrantes para não ser percebida na rua, fato que indica a perda de sua identidade. Ela considera que não lhe convém exibir a sua diferença. É a personagem mais potente do romance e, inclusive, nesse movimento de se desvincular de vários de seus elementos culturais percebe-se a força da sobrevivência, posto que a sua ação responde a uma autodefesa. Ao mesmo tempo, para conservar sua segurança no espectro racista em que a trama se desenrola, vemos que Chantal não se empenha para que a filha tenha orgulho de sua cor e de suas origens africanas. “*Mai fidarsi di un uomo nero*”, é o seu conselho para a menina.

O contato com costumes de países africanos por parte de Giuseppe se deu por um longo período, o que, contudo, não frutificou. Não plantou no homem religioso o respeito pelos países que o acolheram no período em que servira à Igreja. Ele encarna a representação de legiões de covardes hipócritas revestidos de religiosidade.

Haveria mais possibilidades de trocas e encontros impulsionadores entre as culturas em questão no livro. Contudo, tais cenários pairam na imaginação dos leitores e leitoras, que conjecturam como teria sido a vida dessas personagens se elas tivessem tomado outros rumos, com aceitação e receptividade. A integração entre as culturas que o ensejo propicia é interrompida e tem continuidade apenas no âmbito da expectativa. O vazio nesse quesito vem falar sozinho com outros códigos, e a ausência desenreda uma mensagem: a nítida falta de interculturalidade.

Considerações finais

A obra vem revolver, inquietar a sociedade que ainda se considera isenta, vem igualmente mostrar a tomada de consciência das personagens, as quais passam a se perceber como sujeitos políticos que podem lutar por novos marcos civilizatórios. E como o livro não existe sem a leitora e o leitor, a compreensão e o discernimento são transmitidos na recepção da obra e no modo como ela é valorizada, divulgada, estudada, para potencializar a conscientização. Conforme discorríamos no início, ao subalternizado é negado o direito de participação nos altos níveis da sociedade. A autora do romance em questão, Marilena Delli Umuhoza, realiza, como continuidade de uma obra maior, atividades de valorização dos indivíduos afrodescendentes de distintos setores que moram na Itália. Seu escopo é a normalização, o reconhecimento de pessoas negras desempenhando funções de destaque. E assim como a atuação da escritora, o papel de todos é o de apontar as anomalias e mitigar as diferenças, até que elas não existam mais.

Referências

BOBES, M. C. *El personaje literario en el relato*. Madrid: Editorial CSIC, 2018. CAMIOTTI, S. CRIVELLI, Tatiana. Che razza di letteratura è? Intersezioni di diversità nella letteratura italiana contemporanea. Venezia: Edizioni Ca' Foscari – Digital Publishing, 2017.

DELLI, M. U. *Negretta, baci razzisti*. Roma: Red Star Press, 2020.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Trad. de Jess

Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, A. Nanorazzismo, il corpo notturno della democrazia. Edizione digitale.

Roma: Laterza, 2019.

MOREIRA, A. *Racismo recreativo* / Adilson Moreira. -- São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

PANIKKAR, R. PAVAN, Milena Carrara. Pace e interculturalità, una riflessione filosofica. Milano: Jaca Book, 2002.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019. 112 p.

SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goular Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TESTA, E. Eroi e figuranti. Il personaggio nel romanzo. Torino: Einaudi, 2009.

Recebido em: 04/04/2022

Aprovado em: 26/10/2023